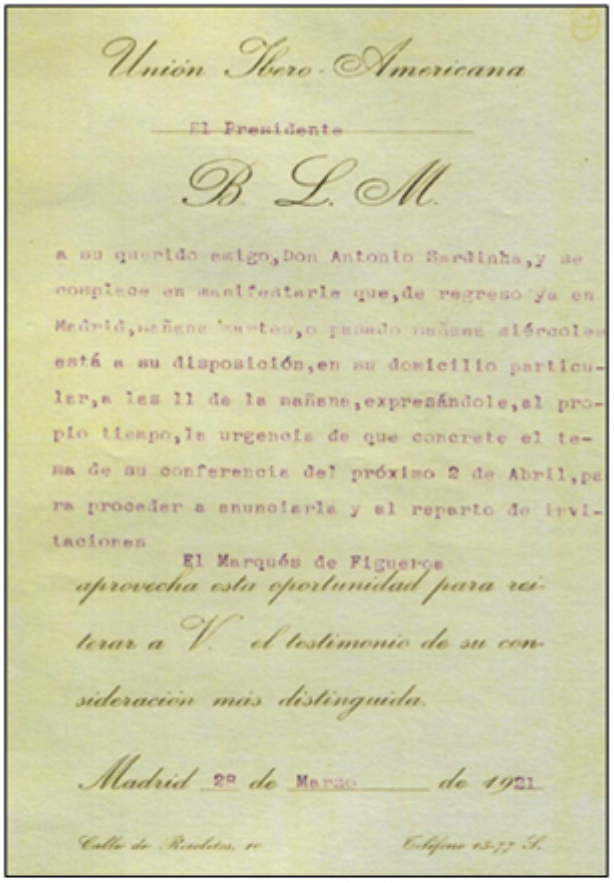
«Aliança Peninsular»

Mestre
Maria da Conceição Vaz Serra Pontes Cabrita

Depois do fracasso da Restauração Monárquica no Norte, proclamada a 19 de Janeiro de 1919, António Sardinha exila-se em Espanha, entre Janeiro daquele ano e Maio de 1921.

O País vizinho, durante os quase dois anos e meio de exílio, quer seja pela influência, pela reciprocidade de pontos de vista ou pelo simples convívio com, entre outros Juan Vásquez de Mella y Fanjul, com o Marquês de Figueroa, Juan Bautista Armada y Losada, Gabriel Maura Gamazo, Duque de Maura e Conde de la Mortera, Ramiro de Maeztu, Fernando Gallego de Chaves Calleja, Marquês de Quintanar ou Juan de Contreras y López de Ayala, Marquês de Lozoya, ou até, simplesmente pela sua sensibilidade, Espanha revela-se e penetra no seu espírito de uma forma tão profunda que, em carta para sua mulher, Ana Júlia Nunes da Silva, escrita pouco tempo antes de regressar a Portugal e tendo já a confirmação da sua amnistia confessa: *«Vai comigo, uma lição amarga de tanta pena, o carinho acolhedor deste vizinho admirável que eu irei ver todas as tardes [...], porque não posso nem quero ser ingrato ao país que me acolheu e em que a minha inteligência adquiriu a sua plena maturação.»*.[1] Na verdade, o seu projecto de «aliança-peninsular»[2] ganha expansão e será um labor constante nos seus anos de exílio e até ao final da sua curta existência, concretizando-se de forma mais unitária, digamos assim, na sua obra *A Aliança Peninsular - Antecedentes e Possibilidades* (1924) no entanto, este plano de política internacional que António Sardinha propõe, recordemos, remonta a 1915 como alternativa à União Ibérica e correlatas doutrinas iberistas combatidas nas Conferências da Liga Naval, permanecendo sempre presente visto que, para o ensaísta, *«Portugal, ligado à Espanha pela mesma finalidade exterior, recupera novamente, o senso adormecido da sua antiga vocação mundial.»*.[3]



Unión Ibero-Americana

El Presidente

B. L. M.

a su querido amigo, Don Antonio Sardinha, y se complace en manifestarle que, de regreso ya en Madrid, mañana martes, o pasado mañana miércoles está a su disposición, en su domicilio particular, a las 11 de la mañana, expresándole, al propio tiempo, la urgencia de que concrete el tema de su conferencia del próximo 2 de Abril, para proceder a anunciarla y al reparto de invitaciones.

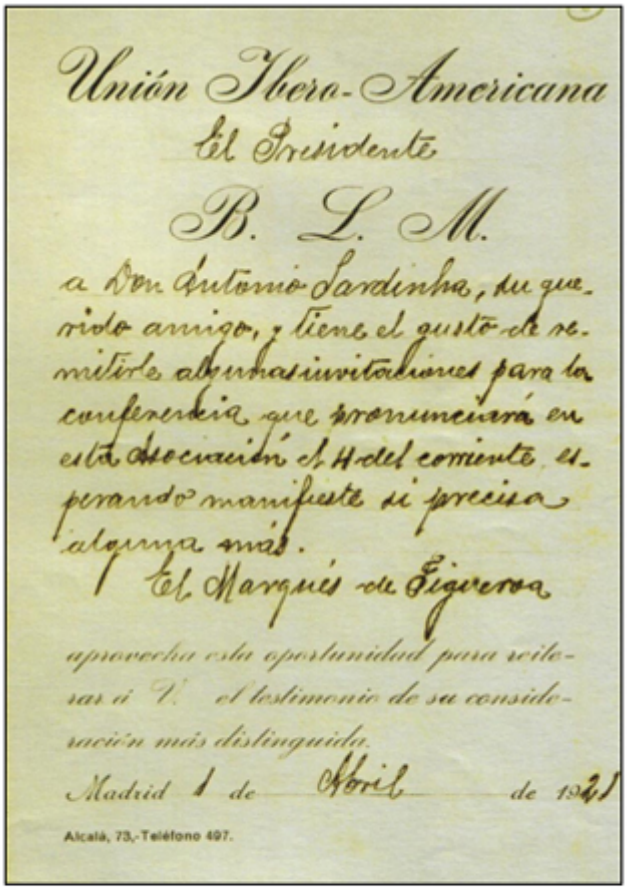
El Marqués de Figueroa aprovecha esta oportunidad para reiterar a V. el testimonio de su consideración más distinguida.

Madrid 28 de Marzo de 1921

Calle de Recoletos, 10 Teléfono 13-77 L.

Missiva, de Juan Bautista Armada y Losada, Marquês de Figueroa, de Madrid, 28 de Março de 1921, que na qualidade de Presidente da Unión Ibero-Americana pede a António Sardinha para que concretize, com urgência, o tema da conferência que, em princípio, estaria para ser proferida no dia 2 de Abril de 1921.

Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.



Unión Ibero-Americana
El Presidente
B. L. M.
a Don Antonio Sardinha, su querido amigo, y tiene el gusto de remitirle algunas invitaciones para la conferencia que pronunciará en esta Asociación el 4 del corriente, esperando manifieste si precisa alguna más.
El Marqués de Figueroa
aprovecha esta oportunidad para reiterar a V. el testimonio de su consideración más distinguida.
Madrid 1 de Abril de 1921
Alcalá, 73.-Teléfono 497.

Cartão, Madrid, 1 de Abril de 1921, do escritor, jornalista e político, Ministro de Gracia y Justicia e Minstro de Agricultura, Industria, Comercio y Obras Públicas durante o reinado de Afonso XIII, que envia vários convites a António Sardinha, para sua distribuição particular, para a conferência que este realizará a 4 de Abril de 1921.
Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.

Missiva, de Juan Bautista Armada y Losada, Marquês de Figueroa, de Madrid, 28 de Março de 1921, que na qualidade de Presidente da Unión Ibero-Americana pede a António Sardinha para que concretize, com urgência, o tema da conferência que, em princípio, estaria para ser proferida no dia 2 de Abril de 1921. Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.

Cartão, Madrid, 1 de Abril de 1921, do escritor, jornalista e político, Ministro de Gracia y Justicia e Minstro de Agricultura, Industria, Comercio y Obras Públicas durante o reinado de Afonso XIII, que envia vários convites a António Sardinha, para sua distribuição particular, para a conferência que este realizará a 4 de Abril de 1921.
Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.

As páginas que compõem *À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares* editadas postumamente em 1943, nas quais expõe o seu conceito de «Hispanismo», constituem um contributo para aquela obra de síntese que surgirá um mês e pouco antes da sua morte, cujo embrião foi uma conferência proferida em Abril de 1921 na Unión Ibero-Americana, em Madrid, a convite do Marquês de Figueroa,[4] havendo por isso, uma reincidência de temas, de formas de exposição, de argumentação, ainda que por vezes possam surgir de maneira mais alargada e, até, de redacção.

CALLE DE RECOLETOS, 10
MADRID

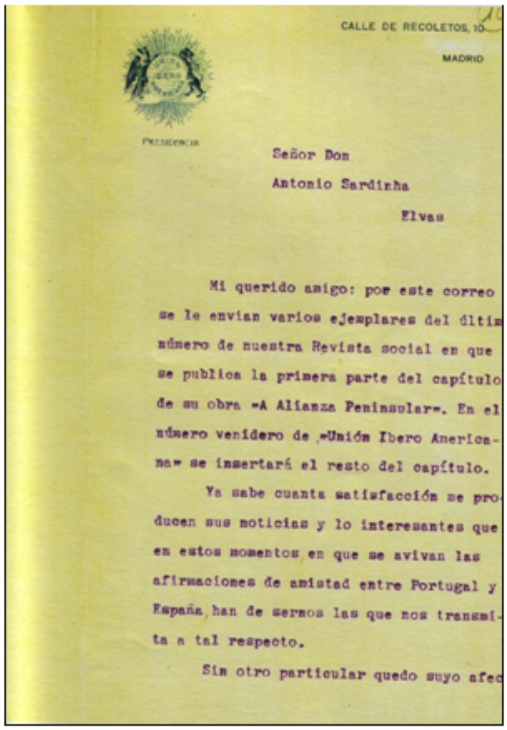
El lunes 4 del corriente, a las seis y media de la tarde, el Sr. D. Antonio Sardinha, dará una conferencia en esta Sociedad sobre el tema:

"La Alianza Peninsular"
(Antecedentes y posibilidades)

La Junta directiva tiene el honor de invitar a usted al mencionado acto.

Madrid 2 de Abril de 1921.

Convite, Madrid, 2 de Abril de 1921, para a conferência, «La Alianza Peninsular (antecedentes y posibilidades)» que António Sardinha proferiu na Sociedade, Unión Ibero- Americana, a 4 de Abril de 1921.
Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.



CALLE DE RECOLETOS, 10

MADRID

PRESIDENCIA

Señor Don

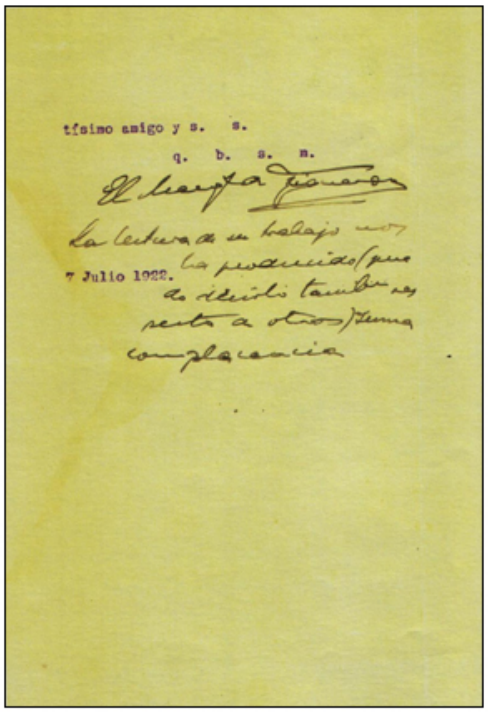
Antonio Sardinha

Elvas

Mi querido amigo: por este correo se le envian varios ejemplares del ultim número de nuestra Revista social en que se publica la primera parte del capítulo de su obra «A Alianza Peninsular». En el número venidero de «Unión Ibero Americana» se insertará el resto del capítulo.

Ya sabe cuanta satisfacción me producen sus noticias y lo interesantes que en estos momentos, en que se avivan las afirmaciones de amistad entre Portugal y España, han de sermos las que nos transmita a tal respecto.

Sin otro particular quedo suyo afec



tísimo amigo y s. s.

q. b. s. m.

7 Julio 1922.

Carta do Marquês de Figueroa, 7 de Julho de 1922, dirigida a António Sardinha, informando do envio de vários exemplares da Revista da Unión Ibero-Americana onde foi publicado a primeira parte do Capítulo 1 de *A Aliança Peninsular*, «A Unidade-Hispânica», anunciando que no próximo número da Revista seria publicado o restante daquele capítulo. Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.

A obra *A Aliança Peninsular - Antecedentes e Possibilidades* conheceu três edições em Portugal[5]: A primeira, surge em 1924, a segunda, em 1930, ambas pela Livraria Civilização e a terceira, de 1972, vem a lume como edição da mulher do autor, Ana Júlia Nunes da Silva. As duas primeiras edições têm a particularidade de serem ilustradas. Quando a obra é dada à estampa, em 1924, abre com um prefácio de Gabriel Maura Gámazo, Duque de Maura e Conde de la Mortera,[6] grande amigo de António Sardinha que chegou a auxiliá-lo no exílio, concedendo-lhe a sua protecção para o ensaísta se poder deslocar a Badajoz durante uma das presidências de Governo, exercida por seu Pai, António Maura.[7] No seu prefácio, o Conde de la Mortera enaltece, em termos gerais, a obra do pensador de Monforte mas sobretudo, chama a atenção do leitor para *«La Alianza peninsular, nuncio venturoso del fecundisimo concierto entre todas las gentes hispánicas de Europa y América, no será jamás posible mientras no haya arraigado en las entrañas de la raza un altisimo ideal, sufocador de prevenciones y suspicacias, del recuerdo de recíprocos agravios e injusticias, de la incomprensión mutua, del legitimo orgullo y la mezquina vanidad; es decir, mientras lo que nos junte no valga y pese más que lo que nos separa.».*[8] Este prefácio acompanha as três edições da obra, sendo que, a terceira edição congrega, para além de uma «Nota prévia» da autoria de Mário Saraiva,[9] os prólogos que integraram as duas edições que a obra teve em Espanha. Traduzida pelo Marqués de Quintanar, grande amigo de António Sardinha,[10] que conviveu em Coimbra

com Eugénio de Castro, em Lisboa com Hipólito Raposo, Alberto de Monsaraz, Pequito Rebelo, Afonso Lopes Vieira e Martinho Nobre de Melo[11] confessa-se, em 1932, influenciado pelo ensaísta de Monforte a tal ponto que desejou divulgar a sua obra em Espanha - *«De mi amistad fraternal con Antonio Sardinha, había recibido yo las primeras nociones de estas disciplinas autoritarias y antidemocráticas, hacía cerca de doce años e invariablemente, al ponerme en contacto con los integralistas retoñaba en mí el deseo de iniciar su obra en España.».*[12] *La Alianza Peninsular - Antecedentes y posibilidades*, na sua primeira edição, é dada à estampa pela Junta de Propaganda Patriótica y Ciudadana, em 1930, com prólogo de Ramiro de Maeztu[13] que, para além de evocar a obra do autor de *Glossário dos Tempos,* realça *«La publicación en libro castellano de La Alianza Peninsular va a servir para que empiece a erguirse, entre los pueblos de nuestra habla, una figura que antes de mucho tiempo se alzara en el horizonte del espíritu como uno de los grandes profetas de la Hispanidad.».*[14] Este membro da Geração de 98 espanhola, é igualmente evocado no artigo de 1922, «Portugal, Tierra Gensor!», incluído na colectânea *À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares,* no qual António Sardinha, exprime a sua admiração e anuência pela obra *La crisis del Humanismo* (1919), na qual descortina a ineficácia do individualismo[15] e tece algumas considerações sobre uma conferência que Ramiro de Maeztu proferiu sobre Portugal e o Lirismo no sentido de uma complementaridade dual, para sempre existente com Castela, pertencendo-lhe a ela o *«espírito dramático».*[16] Do lirismo português vê, o articulista de Monforte, despontar o Sebastianismo, de Castela o Quixotismo, *«nascido do alto sentido patético da existência, que é o segredo em Castela das suas catedrais, dos seus pintores e dos seus heróis.».*[17] «Sebastianismo e Quixotismo» é também o título de um artigo que compõe *A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades*, que António Sardinha pensava num futuro alterar quanto à forma, *«na expressão aliterada, tresandando a* "*saudosismo*" *e a Teixeira de Pascoaes.»*,[18] no qual reforça a ideia do espírito lírico português, fruto do meio, do localismo, do bucolismo, que concebe como uma característica inata, gerador de «O Desejado» e da saudade, enquanto que Castela, é a epopeia, canta os seus heróis, não que não tenha lirismo na sua índole mas a épica, a gesta de cavalaria, os seus valores, que a figura tocante de «D. Quijote» representa suplanta, ali, o carácter amorável da lírica.[19] Seja como for e, embora António Sardinha insista, uma vez mais, são dois aspectos que individualizam mas que não separam, antes se completam.[20] É interessante pela coincidência de pontos de vista que Ramiro de Maeztu exprime quando esteve cerca de um mês em Portugal, entre o final de 1921 e o limiar do ano seguinte, espaço de tempo que aproveitou para ler *Os Lusíadas* e Antero de Quental e que em Janeiro de 1922 em carta que escreve a António Sardinha refere: *«Cada vez estoy más persuadido de que es cierta mi adivinación de que la integridad del alma, para un peninsular, consiste en completar la tradición cultural de Castilla con la de Portugal, sin olvidar los elementos esenciales que aportamos al espíritu otros peninsulares que, como los vascongados, no habiamos influído hasta ahora esencialmente en la cultura, salvo en el caso accidental, de Loyola. Que en lo politico vaya cada uno de nuestros países por donde quiera, pero en el espiritual hay una unidad que es salvadora para todos. Nosotros nos morimos sin el lirismo portugués y ustedes se deshacen sin nuestro realismo.».*[21] A segunda edição espanhola vem a lume em 1939, publicada pela «Acción Española», abrindo com prólogo do Marquês de Quintanar que percorrendo o trabalho de António Sardinha, a História de

Espanha e de Portugal, no seu momento presente, expõe que *«Las razones de la "alianza peninsular," los motivos todos pueden surgir de este gran tema central, están agotados en la presente obra capital de António Sardinha. Para su cultura de historiador, para su inspiración de poeta, para su fragante patriotismo y su tierno amor a España, no puede haber secreto sin descubrir, ni hecho cuyas consecuencias deje sin explorar con la máxima eficacia. Así, la Historia, la Gran Historia de nuestra Península, que es como decir el índice de la Cultura de Occidente, recibe la consagración cordial e intelectual del primer portugués de la época moderna.».*[22] *La Alianza Peninsular - Antecedentes e Posibilidades* não foi a única obra de António Sardinha publicada em Espanha. Mesmo antes da sua primeira edição no País vizinho, são traduzidos pelo jurista, escritor e político valenciano, Juan Beneyto Pérez, dois ensaios: «O génio peninsular» e «1640», ambos de 1922, publicados inicialmente nas páginas de *Nação Portuguesa* e posteriormente incluídos na colectânea, *À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares*.[23] Sob o título *La Cuestión Peninsular,* aqueles dois ensaios conhecem em Espanha, duas edições: A primeira, em 1927, pensamos que editada pelo próprio Juan Beneyto também autor do prólogo, a quem a Viúva do autor exprimiu o seu agradecimento e as suas preocupações a nível nacional[24] e, uma segunda edição, por Cerón y Librería Cervantes, em 1940, com prólogo do Marquês de Lozoya[25] que louva a obra de António Sardinha sobretudo nessa visão de unidade cultural entre Portugal e Espanha que, na sua opinião, *«constituye el fondo de su obra poética y politica que fué, ciertamente, mejor comprendida en Portugal que en España.».*[26] A Juan de Contreras y López de Ayala dedica António Sardinha um artigo a propósito da publicação de *Poemas Castellanos* (1920), no qual recorda, também, *Sonetos Espirituales* (1918) e se, a propósito dos primeiros, exprime a evocação da história na emoção do poeta da sua Segóvia admirada,[27] nos quais divisa uma *«nobre intenção castelhanista»*[28] e uma *«lusitaníssima saudade»*,[29] que lhe despertam um nostálgico paralelismo entre a aridez do campo castelhano e a melancólica planura dos campos despidos do seu Alentejo natal,[30] em *Sonetos Espirituales,* o poeta de Monforte vislumbra *«uma alma aberta às supremas inquietações do Divino»*[31] sentindo-se devedor, pelo tom imbuído de saudade que descortina nos poemas do Marquês de Lozoya, pela emoção que lhe despertam, como um bálsamo para a sua sensibilidade, na solidão do exílio.[32]

Em Junho de 1925, falecido já António Sardinha, presta-lhe tributo Juan de Contreras nas páginas da *Nação Portuguesa* relembrando os tempos em que se conheceram na sua cidade de Segóvia, elucidando-nos sobre alguns traços do carácter do pensador alentejano que pretendia descobrir Castela, que se revelou fiel e grato a esta amizade dos seus tempos de expatriado, que se prolongou por correspondência e intercâmbio de obras, sobretudo poéticas, evocadora da sua perseverança em prosseguir essa missão em prol do hispanismo que, ao que parece, Lozoya não correspondeu com a diligência necessária pelo que António Sardinha não se revelou indiferente na dedicatória inscrita no volume *A Aliança Peninsular - Antecedentes e Possibilidades* que lhe ofereceu: *«Ao querido Marquês de Lozoya; estas páginas dum hispanista que não encontra eco em Espanha.»*[33] o que, talvez não se tivesse verificado pois, através da sua leitura, Juan de Contreras confessa-nos que fez daquele ideal um propósito de vida, que tanto seduzia o ensaísta de Monforte.[34] Vê Lozoya, no autor de *À Sombra dos Pórticos,* mais um

historiador que um poeta, um historiador que se apresentava aos olhos do crítico de arte e literato espanhol, pelas páginas da *Nação Portuguesa*, pela sua colectânea de ensaios, *Ao Princípio era o Verbo,* como que um rectificador da História, que encarava como uma arte, que a reescreve deixando transparecer o seu espírito lírico mas ao mesmo tempo combativo e ardente enquanto, na poesia revela, em sua opinião, um desalento e enfado próprios de um esforço despendido que não corresponde ao realizado nos seus versos denunciadores de um franciscanismo que se manifesta pelo seu amor às coisas simples nas quais vê revelar-se o Criador.[35] Com *Na Corte da Saudade - Sonetos de Toledo,* entrevê Juan de Contreras, que os seus poemas *«dieron a Toledo, y aun a toda a Castilla, tan fuerte y segura de si misma, un nuevo valor: el de la dulce añoranza de glorias pasadas y amores muertos»*[36] que a irmanam a Portugal.

Elucidativa deste esforço em prol da «Amizade Peninsular»,[37] da campanha integralista do projecto «Aliança Peninsular», foi a reunião que o Marquês de Quintanar promoveu e ofereceu a alguns exilados portugueses, no Hotel Ritz em Madrid, que reuniu alguns nomes de destaque do meio literário madrileno, que ficou registada numa fotografia publicada no jornal *La Tribuna*[38] e que *A Monarquia* reproduzirá a 3 de Agosto de 1920:

De pé, ao fundo junto ao quadro e da esquerda para a direita: Luís de Almeida Braga, Vasco de Mendonça, Marquês de Quintanar, Marquês de Figueroa (de monóculo), Alvaro dos Reis Torgal e António Sardinha. As senhoras, da esquerda para a direita: Condessa de Pardo Bazan e Blanca de los Rios Sampérez. Madrid, 1 de Maio de 1920.

O volume *A Aliança Peninsular - Antecedentes e Possibilidades* é dedicado *«À memória daqueles soldados espanhóis que, regando com seu sangue anónimo as penhas de Marrocos, souberam dar vida num século sem esperança a toda a grandeza histórica da Península.».*[40] De facto, a guerra do Rif, para António Sardinha é uma questão

preocupante ao encará-la como uma guerra de civilização, de definição de fronteiras pelo espaço de uma hegemonia hispanista, como que uma Cruzada não apenas considerada no seu aspecto religioso mas também contra uma mentalidade e organização protagonizada pela França, cujo receio seria a asfixia da Península entre a França europeia e as suas possessões no Norte de África.[41]

Tem esta obra em prol do hispanismo como núcleo embrionário a conferência que o seu autor proferiu, em 1921 na Unión Ibero-Americana como já fizemos referência.[42] Nela, António Sardinha busca aquilo que nos proporcionou uma união com o País vizinho, aquilo que nos une desde a História, a Arte e as Letras, onde a questão do bilinguismo-literário tem como referente D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, apesar de uma marcante individualidade que reconhece a cada País peninsular que não separa mas complementa.[43] Enaltecendo o que considera a política de cooperação da dinastia de Avis, que se baseava sobretudo nas alianças matrimoniais, presta homenagem às personalidades femininas da História de Portugal que foram protagonistas desta forma de coligação e que facilitaram de alguma maneira, com a sua presença ou com a sua influência, a relação entre as duas Nações, bem como àquelas, do Reino vizinho, que o ensaísta considerou mais marcantes e que talvez, nos surjam mais diluídas na terceira edição da obra do que na primeira e segunda edições uma vez que figuram nas ilustrações que as compõem.[44]

Reconhecendo que quando veio para o exílio *«trazia contra Espanha todos os preconceitos da minha inteligência e da minha sensibilidade»*[45] seria pelo estudo da história e sobretudo pelo contacto directo com o País vizinho que, António Sardinha, revê algumas das noções enunciadas nas conferências da Liga Naval a partir do pressuposto do que descortina enquanto uniformidade de origem e de objectivos.[46] Será a «Hispânia»[47] dos textos clássicos que inspirará o enunciar de dois conceitos aparentemente antagónicos - união e dualidade - das duas Nações peninsulares.[48] A ideia de Raça será agora encarada não no seu sentido étnico mas no seu significado espiritual, de um mesmo património cultural, civilizacional[49] que extravasou fronteiras que «criou nacionalidades»,[50] que difundindo o Cristianismo, na sua função histórica e social, dilatou o Império, aqui encarado como um Império espiritual, do qual o génio peninsular, que exibe como principal determinante a vocação apostólica, é origem,[51] que simultaneamente, confere ao nacionalismo português uma dimensão universal no que define como uma propensão missionária ingénita de Portugal[52] na sua *«vocação marítima»*[53] atribuindo a Castela[54] uma *«vocação terrestre»*[55] numa alusão ao domínio do Mediterrâneo e da Europa Central,[56] que, um dia, se expandiu com a descoberta do Continente americano que subsequentemente entre as duas Nações, nessa criação do *mare nostrum* atlântico, lhes concedeu essa dimensão de «pan-Hispanismo»[57] que, no seu momento presente e no seu entender, era necessário restaurar como salvação da civilização ocidental mediante o princípio cristão, seu componente determinante e implícito.[58] Como justificação e concretização deste ideal, António Sardinha, chama a atenção para a diferença entre unitarismo, sinónimo de união política e, unidade, esta de ordem espiritual, cultural, sentimental que, apoiada na diversidade confere riqueza à Península,[59] atendendo que e, ao longo da História, existiu um perigo de absorção

mútua,[60] urgindo a aproximação e o entendimento entre os dois Países com base numa plataforma comum apoiada numa abertura de espírito que clarifique o que une e o que divide na convicção de uma dualidade que se completa.[61] Se a aproximação com o Brasil é apresentada como condição para o futuro de Portugal que deverá organizar-se e fortalecer-se, a aliança com a Espanha tornar-se-á, assim, mais estreita numa identificação de um passado comum além fronteiras e, do qual a Festa da Raça é expressão, não podendo, por isso, Portugal ficar excluído dessa manifestação do internacionalismo hispânico.[62] Dando-nos como exemplo o tradicionalista Vásquez de Mella, que apontava para a necessidade de uma aliança entre os dois Países, benéfica para Espanha por necessidade de política externa e para Portugal como forma de recuperação da sua influência no mundo enquanto Nação atlântica[63] sendo, por isso, o caminho preconizado, o Continente americano, deveriam ser lançadas as bases para a constituição de uma «sociedade das nações hispânicas»[64] sob a qual, Portugal, como Nação independente e, restaurado pela Monarquia e pelo Catolicismo, em harmonia com a monárquica e católica Espanha, pudesse constituir uma Península para os autóctones longe da ingerência estrangeira formando como que um bloco invencível, um baluarte que poderia prevenir a queda do Ocidente.[65] Recomenda-nos, então Sardinha que olhemos para Camões enquanto «definidor da consciência hispânica»[66] que em *Os Lusíadas,* no Canto I, (est. 31) e no Canto III, (ests.17 e 18)[67] condensa o *«verdadeiro pensamento do hispanismo».*[68] Tornava-se ainda necessário, desmistificar «a lenda negra» de Espanha, de sujeição e reclusão,[69] *«Bipartida no aspecto trágico e no aspecto burlesco, essa "lenda negra" que à Espanha picaresca das pandeiretas e dos toureiros alia a Espanha sinistra dos Autos-de-Fé e dos Filipes.»,*[70] que considera uma infâmia do século XVIII e, principalmente, de origem francesa,[71] reabilitar a figura de Filipe II, em particular e em termos gerais o domínio filipino enquanto Monarquia dual através de uma sucessão legítima[72] que todavia, facilmente se desfez quando irromperam aspirações centralizadoras e as consequentes limitações e extinção de direitos e garantias,[73] ter em conta a restauração da «alma portuguesa»[74] que ocorre num severo século XVII que é necessário regenerar no qual o mito sebástico ganha alento e se manifesta como expressão do espírito português num século austero mas que, na opinião de António Sardinha, produziu alguns dos percursores das doutrinas nacionalistas.[75]

Recordando que o Integralismo Lusitano pretende um retorno ao «Hispanismo» que se viveu no século XV, nessa partilha do mundo, o ensaísta chama a atenção para os laços especiais que unem Portugal aos Extremeños na enorme empresa marítima,[76] para a união das duas Nações nas Guerras Peninsulares,[77] para a importância do regresso à Filosofia do Ser, muito particularmente à distinção que S. Tomás de Aquino opera entre «pessoa» e «indivíduo», determinadora de uma maneira de levar avante uma forma de hegemonia no mundo,[78] a «Ordem-Nova» - o apego *«à supremacia criadora do Espírito»*[79] - que ao «Hispano» confere um super-nacionalismo, que no seu momento presente, considerava necessário retomar reabilitando e evocando um passado colonizador onde a vocação apostólica tem a primazia, não ignorando o paralelismo de uma barbárie fruto da condição humana, atribuindo a decadência que vislumbrava no seu tempo à ruptura com o ideal cristão.[80] Assim, pondo de lado erros e ressentimentos, António Sardinha propõe um abraço de reconciliação no qual *«O Encoberto, corporizado*

no milagre sempre vivo de Restauração, é o Encoberto do Quinto-Império pacífico de Espanha e Portugal, fundadores de nacionalidades, pioneiros da única civilização possível.».[81]

Dos anos passados no exílio recolhera António Sardinha novas perspectivas, o seu forte sentido religioso robusteceu-se a sua sensibilidade agudizou-se e, se o ideal integralista se centrou na reformulação plena de Portugal agora adquiriu de uma forma mais profunda uma feição que lhe podemos chamar universal determinadora de um modelo de civilização. Foi um ideal que perseguiu até ao fim dos seus dias no retiro da Quinta do Bispo, em Elvas.

Bibliografia

BLEIBERG, German, *Diccionário de Historia de España,* Madrid, Alianza Editorial, 1979.
CAMÕES, Luís de, *Os Lusíadas,* Lisboa, Círculo de Leitores, 1980.
DESVIGNES, Ana Isabel de Sousa Sardinha, *António Sardinha (1887-1925): Um intelectual no século,* Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2006.
LÓPEZ, José Garcia, *Historia de la Literatura Española*, Barcelona, Vicens Vives, 1997 (20ª. edição).
QUINTAS, José Manuel Alves, *Filhos de Ramires. As origens do Integralismo Lusitano,* Lisboa, Nova Ática, 2004.
SARAIVA, Mário, *Às Portas da Cidade,* Lisboa, Edição do Autor, 1976.
SARDINHA, António Maria de Sousa, *Durante a Fogueira - Páginas da Guerra,* Lisboa, Livraria Universal, 1927.
Idem, La Cuestión Peninsular, Cádiz, Cerón y Librería Cervantes, 1940, (2ª edición).
Idem, Glossário dos Tempos, Lisboa, Edições Gama, 1942.
Idem, À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, Lisboa, Edições Gama, 1943.
Idem, A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, Lisboa, Edição de Ana Júlia Nunes da Silva Sardinha, 1972 (3ª edição).

Revistas e periódicos

A Cidade, Revista Cultural de Portalegre, nº 2-Especial (Nova Série), Julho/Dezembro 1988.
Academia (Publicaciones Periódicas): Boletín de la Real Academia de Bellas Artes de San Fernando, nº 77 (2º semestre), 1993.
Acción Española, Madrid, nº 10, 1.5.1932, Tomo II.
Nação Portuguesa - Revista de cultura nacionalista, nº 7-8 (3ª série), 1925.
Nação Portuguesa - Revista de cultura nacionalista, nº 3, Setembro, 1928, Tomo I (série V).

[1]* Professora da *Universidad de Extremadura* (Espanha). Mestre em Filologia Portuguesa e doutoranda da mesma Universidade.

1 «Carta de António Sardinha para Ana Júlia Nunes da Silva, s/d, com carimbo de chegada a Elvas a 14.4.1921», citada por Ana Isabel Simões de Sousa Sardinha Desvignes, *António Sardinha (1887-1925): Um intelectual no século,* Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2006, pp. 244, 245 na p. 245.

[2] A propósito da «Aliança-peninsular», veja-se também Joaquim Veríssimo Serrão, «O poeta António Sardinha na "Corte da Saudade"», *in A Cidade, Revista Cultural de Portalegre*, nº 2-Especial (Nova Série), Julho/Dezembro 1988, pp. 123-140 nas pp. 127, 128, 135-138; Ana Isabel Simões de Sousa Sardinha Desvignes, *António Sardinha (1887-1925): Um intelectual no século, cit.*, pp. 238-243.

[3] António Sardinha, «O nosso futuro», *in Durante a Fogueira - Páginas da Guerra,* Lisboa, Livraria Universal, 1927, pp. 119-130 na p. 128 citado por Ana Isabel Simões de Sousa Sardinha Desvignes, *António Sardinha (1887-1925): Um intelectual no século, cit.*, p. 238.

[4] António Sardinha, «Assentando posições (conversa preliminar)», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades,* Lisboa, Edição de Ana Júlia Nunes da Silva Sardinha, 1972 (3ª edição), pp. LXIX-CXXVI na p. CVIII.

[5] Nas referências a efectuar, utilizaremos a terceira edição.

[6] Gabriel Maura Gámazo (1879-1963) foi político e historiador espanhol, membro do partido Liberal-Conservador, deputado nas Cortes por Calatayud, representou o seu País na Conferência de Paz em Haya em 1907 e na Conferência Naval de Londres em 1908 sendo senador vitalício em 1919. Durante a Ditadura de Primo de Rivera exerceu a oposição quando compreendeu que a Assembleia Nacional não se converteria em Cortes. Foi ainda Ministro do Trabalho no último Gabinete de Afonso XIII. No início da Guerra Civil exilou-se de Espanha regressando apenas em 1953. Foi membro da Real Academia de la Historia e da Real Academia Española. *Cfr.* Germán Bleiberg, «Gamazo, Gabriel Maura», *in Diccionario de Historia de España,* Madrid, Alianza Editorial, 1979, vol. II, p. 968.

[7] António Sardinha, «A minha adesão à República», *in Glossário dos Tempos,* Lisboa, Edições Gama, 1942, pp. 251-286 na p. 256.

[8] Gabriel Maura Gamazo, «Prólogo, Junio, 1924», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e Possibilidades, cit.* pp. XVII-XXV nas pp. XXIV-XXV.

[9] Mário António Caldas de Mello Saraiva (1910-1998), médico, que para além de ter exercido a sua profissão dedicou-se à escrita sobretudo em matéria de filosofia política colaborando em vários jornais e revistas. Acompanhou as organizações monárquicas desde os seus tempos escolares exercendo nelas vários cargos directivos, tendo sido presidente da Junta Distrital de Lisboa da Causa Monárquica e membro da sua Comissão Doutrinária. Foi fundador do movimento Renovação Portuguesa e da Biblioteca do Pensamento Político. Da sua obra destacamos: *Claro Dilema* (1944); *Os Pilares da Democracia* (1949); *Coordenadas do Poder Real* (1961); *Razões Reais* (1970); *A Verdade e a Mentira* (1971); *Homens e Mulheres* (1975) e *Às Portas da Cidade* (1976); *Outra Democracia* (1983); *Impressões e Memória* (1998). *Cfr.* Mário Saraiva, *Às Portas da*

Cidade, Lisboa, Edição do Autor, 1976, s/p; José Manuel Alves Quintas, *Filhos de Ramires. As origens do Integralismo Lusitano,* Lisboa, Nova Ática, 2004, pp. 12, 15-17.

[10] Fernando Gallego de Chaves Calleja (1889-1974), Marquês de Quintanar e Conde de Santibañez del Rio *Cfr.* «Homenaje a nuestro Director», *Acción Española*, Madrid, nº 10, 1.5.1932, Tomo II, pp. 410-423; Ramiro de Maeztu, «Prologo de la primera edición española, 1930)», *in* António Sardinha, *A Aliança Peninsular - Antecedentes e Possibilidades, cit.* pp. LX-LXVII na p. LXVI; António Sardinha, *La Alianza Peninsular - Antecedentes y Posibilidades, (Traducción de Marqués de Quintanar),* Madrid, Junta de Propaganda Patriótica y Ciudadana, 1930 (1ª edición).

[11] «Homenaje a nuestro Director», *Acción Española*, Madrid, nº 10, 1.5.1932, tomo II, pp. 410-423 na p. 420.

[12] *Ibidem.*

[13] Ramiro de Maeztu Whitney (1874-1936), membro da chamada Geração de 98 tal como Miguel de Unamuno, Pío Baroja, Antonio Machado ou José Martinez Ruiz, «Azorín», presenciou em Cuba a derrota da esquadra espanhola com a qual e com o desastre militar de Cavite, Espanha perdeu as suas últimas colónias ultramarinas. Ao regressar a Espanha, Ramiro de Maeztu alia-se ao grupo de escritores que pugnavam pela regeneração de Espanha e trava amizade com «Azorín» e Baroja. Nesta época, o autor de *La crisis del humanismo* (1919), mostra-se partidário da europeização de Espanha. Entretanto, parte para Londres onde é correspondente de vários jornais espanhóis começando aqui uma mudança de orientação no seu pensamento. Durante a Ditadura, é nomeado Embaixador na Argentina e ao regressar, a grandeza de Espanha não se firmava já na sua europeização mas antes na fidelidade às suas tradições. Preside à *Acción Española* e torna-se membro da Real Academia de Ciencias Morales. Em Outubro de 1936 é morto pelos revolucionários. *Cfr.* José García López, *Historia de la Literatura Española,* Barcelona, Vicens Vives, 1997, (20ª edição) p. 622.

[14] Ramiro de Maeztu, «Prologo de la primera edición española, 1930)», *in* António Sardinha, *A Aliança Peninsular - Antecedentes e Possibilidades, cit.* pp. LX-LXVII na p. LXII.

[15] António Sardinha, «Portugal, Tierra Gensor!, 1922», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares,* Lisboa, Edições Gama, 1943, pp. 113-128 nas pp. 115, 116.

[16] *Ibidem,* p. 117.

[17] *Ibidem.*

[18] António Sardinha, «Assentando posições (conversa preliminar)», *in A Aliança Peninsular –Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. LXIX-CXXVI na p. CIX.

[19] *Idem,* «Sebastianismo e Quixotismo», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 87-111 nas pp. 90-93.

[20] *Ibidem,* p. 110.

[21] «Carta de Ramiro de Maeztu para António Sardinha, Monte Estoril, 22.1.1922», Biblioteca Universitária João Paulo II, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.

[22] Marquês de Quintanar, «Prologo de la segunda edición española, 1939», *in* António Sardinha, *A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. XXVII-LVI na p. XXXIV.

[23] António Sardinha, «O génio peninsular», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 141-170; *Idem,* «1640, 1920», *in À Lareira de Castela - Estudos*

Peninsulares, cit., pp. 247-289.
[24] Juan Beneyto Pérez, «Introducción», *in* António Sardinha, *La Cuestión Peninsular,* Cádiz, Cerón y Librería Cervantes, 1940, (2ª edición), pp. 9-11 na p. 9.
[25] Juan de Contreras y López de Ayala (Segovia, 1893-1978), Marqués de Lozoya, historiador, crítico de arte e literato, foi professor de História de Arte nas Universidades de Valencia, Madrid e Navarra. Ao longo da sua vida desempenhou vários cargos relevantes no mundo da arte. *Cfr.* José Luís Morales y Marín, Juan Domínguez Sanchez y Fuencisla Rueda Rodríguez, «Centenário del Excmo. Sr. Marqués de Lozoya», *in Academia (Publicaciones Periódicas): Boletín de la Real Academia de Bellas Artes de San Fernando,* nº 77 (2º semestre), 1993, pp. 9-34 nas pp. 27-34.
[26] Marqués de Lozoya, «Prologo», *in* António Sardinha, *La Cuestión Peninsular, cit.,* pp. 5-8 na p. 7.
[27] António Sardinha, «*Poemas Castellanos*», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 55-71 na p. 60.
[28] *Ibidem,* p. 58.
[29] *Ibidem,* p. 60.
[30] *Ibidem.*
[31] *Ibidem,* p. 63.
[32] *Ibidem,* p. 70.
[33] Marquês de Lozoya, «À memória de António Sardinha - Notas sobre a obra de António Sardinha, 1925», *in Nação Portuguesa - Revista de cultura nacionalista,* nº 3, Setembro, 1928, Tomo I (série V), pp. 181-188 na p. 183.
[34] *Ibidem,* p. 184.
[35] *Ibidem,* pp. 185-187.
[36] *Ibidem,* p. 187.
[37] *Idem,* «Apêndice - Amizade Peninsular, 1920», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 283-289.
[38] *Ibidem,* p. 286.
[39] *Cfr.* António Ventura e Raul Ladeira, «Para uma Fotobiografia de António Sardinha», *in A Cidade, Revista Cultural de Portalegre*, nº 2-Especial (Nova Série), Julho/Dezembro 1988, fotografia nº 52; Ana Isabel Simões de Sousa Sardinha Desvignes, *António Sardinha (1887-1925): Um intelectual no século, cit.,* fotografia nº 29.
[40] António Sardinha, «Dedicatória», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* s/p.
[41] *Cfr.* António Sardinha, «Madre-Hispânia», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 179-245 nas pp. 234-238; *Idem,* «Errata necessária», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 167-185 na p. 185; *Idem,* «Se ainda é tempo!», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 297-320 nas pp. 301, 302, 306, 313, 320.
[42] António Sardinha, «Assentando posições (conversa preliminar)», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. LXIX-CXXVI na p. CVIII.
[43] *Idem,* «A Unidade Hispânica», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 1-28 nas pp. 4-6
[44] Nas ilustrações que integram a primeira e a segunda edições da obra figuram: D. Joana de Áustria, Mãe de D. Sebastião, D. Mariana Vitória de Bourbon, Mulher de D.

José; D. Carlota Joaquina de Bourbon, Mulher de D. João VI *Cfr.* António Sardinha, «Assentando posições (conversa preliminar)», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. LXIX-CXXVI na p. CXXIV; *Idem,* «A Unidade Hispânica», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 1-28 na p. 7.

[45] António Sardinha, «A descoberta de Espanha, 1919», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 1-13 na p. 3.

[46] *Ibidem,* pp. 3, 9.

[47] É para o autor, a «Madre-Hispânia», que para além do seu conceito, é ainda o título de um ensaio inacabado, por morte do ensaísta, que constitui a redacção do discurso que proferiu em Badajoz, em 1924, no dia 12 de Outubro, dia da Fiesta de la Raza, a partir de 1958 Día de la Hispanidad e hoje, desde 1987, Día Nacional de España. Nesta comemoração, estiveram presentes Eugénio de Castro e alguns dos seus familiares nomeadamente a sua filha, Mafalda, que foi rainha dos Jogos Florais, que integraram a celebração, e, contaram com a colaboração de escritores portugueses dos quais, António Sardinha foi «mantenedor» pela parte de Portugal. *Cfr.* «Nota dos editores», *in* António Sardinha, «Madre-Hispânia», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 179-245 na p. 245; «Cartas nº 26 a 30 de Eugénio de Castro para António Sardinha», Arquivo da Universidade de Coimbra; «*Das* Ideias, das almas & dos factos - A Festa da Raça», *in Nação Portuguesa - Revista de cultura nacionalista,* nº 7-8 (3ª série), 1925, pp. CXLVI-CLII na p. CL.

[48] *Cfr.* António Sardinha, «A descoberta de Espanha, 1919», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 1-13 nas pp. 12, 13; *Idem,* «O Pan-Hispanismo, 1922», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 171-178 nas pp. 174, 175; *Idem,* «Madre-Hispânia», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 179-245 nas pp. 188, 189; *Idem,* «Assentando posições (conversa preliminar)», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. LXIX-CXXVI na p. LXXIII; *Idem,* «A Unidade-Hispânica», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 1-28 na p. 23; *Idem,* «Genealogia duma Idéa», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 49-64 na p. 51; *Idem,* «Sebastianismo e Quixotismo», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 87-111 na p. 110.

[49] *Cfr.* António Sardinha, «Prólogo, 1920», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. XIII-XVIII nas pp. XIII, XIV; *Idem,* «Portugueses e Espanhóis, 1920», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 103-111 na p. 103; *Idem,* «O génio peninsular», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 141- 170 na p. 143; *Idem,* «Madre-Hispânia», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 179-245 na p. 187.

[50] *Cfr.* António Sardinha, «A descoberta de Espanha, 1919», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 1-13 na p. 9; *Idem,* «A Festa da Raça, 1921», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 73-80 na p. 76; *Idem,* «Hispanismo e Latinidade, 1922», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 89-102 na p. 97; *Idem,* «Portugal Restaurado, 1919», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 129-140 na p. 132; *Idem,* «O génio peninsular», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 141-170 na p. 150; *Idem,* «Madre-Hispânia», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 179-245 na p. 225; *Idem,* «Assentando posições (conversa preliminar)», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp.

LXIX-CXXVI nas pp. LXXXII, C; *Idem,* «A Unidade-Hispânica», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 1-28 na p. 4; *Idem,* «A "lenda negra"», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 187-208 nas pp. 202, 204; *idem,* «O que nos divide», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 209-235 nas pp. 211, 232; *Idem,* «Cabeça de Europa», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 237-267 na p. 256.

[51] *Cfr.* António Sardinha, «A descoberta de Espanha, 1919», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 1-13 na p. 13; *Idem,* «Portugal Restaurado, 1919», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 129-140 na p. 132; *Idem,* «O génio peninsular», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 141- 170 nas pp. 150, 169; *Idem,* «Assentando posições (conversa preliminar)», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possililidades, cit.,* pp. LXIX-CXXVI nas pp. LXXIV, LXXV; *Idem,* «A "lenda negra"», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 187-208 nas pp. 203, 204; *Idem,* «*Mare nostrum*», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 321-352 na p. 330.

[52] *Cfr.* António Sardinha, «A descoberta de Espanha, 1919», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 1-13 na p. 12; *Idem,* «Assentando posições (conversa preliminar)», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. LXIX-CXXVI nas pp. LXX, LXXV, XCIX, C, CIV-CVI, CXIX, CXXII.

[53] António Sardinha, «O génio peninsular», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 141-170 na p. 154.

[54] António Sardinha, por vezes, relativamente ao facto histórico prefere utilizar o apelativo «castelhano» a «espanhol» pois considera este como *«uma criação política recente, não excedendo talvez no conceito geral dos Estados europeus mais que duzentos e tantos anos.»*, bem como lhe atribui um conceito nacionalista quando contraposto a «hispânico», de Hispânia, conotado com o espaço geográfico. *Cfr. Idem,* «O génio peninsular», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 141- 170 na p. 144; *Idem,* «Madre-Hispânia», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 179-245 na p. 193; *Idem,* «A "lenda negra"», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 187-208 na p. 196; *Idem,* «*Mare nostrum*», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 321-352 na p. 325.

[55] António Sardinha, «O génio peninsular», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 141- 170 na p. 154.

[56] António Sardinha, «Madre-Hispânia», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 179-245 na p. 191.

[57] *Cfr. Idem,* «Hispanismo e Latinidade, 1922», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 89-102 na p. 101; *Idem,* «Madre-Hispânia», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 179-245 na p. 193; *Idem,* «O Pan-Hispanismo, 1922», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 171-178 nas pp. 176, 177; *Idem,* «Assentando posições (conversa preliminar)», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. LXIX-CXXVI nas pp. CVII, CXXI, CXXII; *Idem,* «A "lenda negra"», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 187-208 na p. 204; *Idem,* «O que nos divide», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 209-235 nas pp. 211, 232, 233; *Idem,* «Cabeça de Europa», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 237-267 na p. 254; *Idem,* «*Mare nostrum*», *in A*

Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit., pp. 321-352 na p. 350.
[58] *Cfr.* António Sardinha, «Madre-Hispânia», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 179-245 na p. 225; *Idem,* «Assentando posições (conversa preliminar)», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. LXIX-CXXVI nas pp. LXXI, XCIV, CXIX, CXXVI; *Idem,* «*Mare nostrum*», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 321-352 na p. 330.
[59] *Cfr.* António Sardinha, «Madre-Hispânia», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 179-245 nas pp. 188, 189, 192, 193; *Idem,* «Assentando posições (conversa preliminar)», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. LXIX-CXXVI nas pp. LXXIV, C, CVIII, CXXIII, CXXV; *Idem,* «Cabeça de Europa», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 237-267 na p. 267; *Idem,* «Genealogia duma Idéa», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 49-64 nas pp. 51, 52, 63, 64.
[60] *Cfr.* António Sardinha, «A descoberta de Espanha, 1919», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 1-13 na p. 7; *Idem,* «1640, 1920», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 247-289 na p. 266; *Idem,* «Assentando posições (conversa preliminar)», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. LXIX-CXXVI nas pp. LXXIII, LXXVI, CXIII, CXXI; *Idem,* «Genealogia duma Idéa», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 49-64 na p. 57; *Idem,* «O lenço da Verónica», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 113-128 nas pp. 127, 128; *Idem,* «O que nos divide», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 209-235 nas pp. 230, 231.
[61] *Cfr.* António Sardinha, «A Festa da Raça, 1921», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 73-80 na p. 76; *Idem,* «Madre-Hispânia», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 179-245 na p. 226; *Idem,* «Assentando posições (conversa preliminar)», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. LXIX-CXXVI nas pp. LXXXV, LXXXVI, C, CVII, CVIII, CXII, CXVIII, CXXII, CXXIII; *Idem,* «A Unidade-Hispânica», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 1-28 nas pp. 20, 23; *Idem,* «A "lenda negra"», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 187-208 nas pp. 207, 208; *Idem,* «O que nos divide», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 209-235 na p. 235; *Idem,* «Cabeça de Europa», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 237-267 na p. 254.
[62] *Cfr.* António Sardinha, «A descoberta de Espanha, 1919», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 1-13 na p. 11; *Idem,* «A Festa da Raça, 1921», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 73-80 nas pp. 75, 77; *Idem,* «O génio peninsular», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 141- 170 na p. 143; *Idem,* «O Pan-Hispanismo, 1922», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 171-178 na p. 178; *Idem,* «Assentando posições (conversa preliminar)», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. LXIX-CXXVI nas pp. LXXXV, LXXXVI, CVII.
[63] António Sardinha, «Portugueses e Espanhóis, 1920», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 103-111 na p. 106.
[64] *Cfr.* António Sardinha, «Portugueses e Espanhóis, 1920», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 103-111 na p. 107; *Idem,* «Assentando posições (conversa

preliminar)», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. LXIX-CXXVI na p. XCIV.

[65] *Cfr.* António Sardinha, «Portugal Restaurado, 1919», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 129-140 nas pp. 137, 139; *Idem,* «Madre-Hispânia», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 179-245 na p. 242; *Idem,* «Assentando posições (conversa preliminar)», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. LXIX-CXXVI nas pp. CVI, CVII, CXII, CXIV-CXVIII.

[66] *Cfr.* António Sardinha, «Portugal, Tierra Gensor!, 1922», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 113-128 nas pp. 121, 127; *Idem,* «Assentando posições (conversa preliminar)», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. LXIX-CXXVI nas pp. LXXI, LXXV, LXXXII, LXXXIII, XCVI, CXXV.

[67] No Canto I, (est.31) e no Canto III na (ests. 17 e 18) Camões, ao referir «Espanha» atribui-lhe o sentido clássico que engloba toda a Península Ibérica e, é nesta acepção que António Sardinha o menciona e cita. Canto I (est. 31), *«Ouvido tinha aos fados que viria / ~Ua gente fortíssima de Espanha / pelo mar alto, a qual sujeitaria / da Índia tudo quanto Dóris banha, / E com novas vitórias venceria / A fama antiga, ou sua ou fosse estranha. / Altamente lhe dói perder a glória, / de que Nisa celebra inda a memória.//».* Canto III (est. 17), *«Eis aqui se descobre a nobre Espanha, / Como cabeça ali de Europa toda, / Em cujo senhorio e glória estranha / Muitas voltas tem dado a fatal roda; / Mas nunca poderá com força ou manha / A fortuna inquieta pôr-lhe noda, / Que lha não tire o esforço e ousadia / De belicosos peitos que em si cria.//».* (est. 18), *«Com Tingintânia entesta, e ali parece / Que quer fechar o mar Mediterrâneo, / Onde o sabido estreito se enobrece / C'o extremo trabalho do Tebano. / Com nações diferentes se engrandece, / Cercadas com as ondas do Oceano, / Todas de tal nobreza e tal valor, / Que qualquer delas cuida que é melhor.//» Cfr.* Luís de Camões, *Os Lusíadas,* Lisboa, Círculo de Leitores, 1980, pp. 39, 107; António Sardinha, «A Festa da Raça, 1921», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 73-80 na p. 79; *Idem,* «Portugal, Tierra Gensor!, 1922», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 113-128 nas pp. 121, 127; *Idem,* «O génio peninsular», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 141-170 nas pp. 144, 145.

[68] António Sardinha, «Portugal, Tierra Gensor!, 1922», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 113-128 na p. 127; *Idem,* «A Unidade-Hispânica», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 1-28 na p. 4; *Idem,* «A "lenda negra"», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 187-208 nas pp. 196-198; *Idem,* «O que nos divide», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 209-235 na p. 232, 235.

[69] *Cfr. Idem,* «A Festa da Raça, 1921», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 73-80 na p. 78; *Idem,* «Portugueses e Espanhóis, 1920», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 103-111 na p. 107; *Idem,* «Assentando posições (conversa preliminar)», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. LXIX-CXXVI nas pp. LXXIX; *Idem,* «Quinas de Portugal», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 149-166 na p. 154; *Idem,* «A "lenda negra"», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 187-208 nas pp. 192, 207, 208; *Idem,* «O que nos divide», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 209-235 nas pp. 211-216.

[70] António Sardinha, «A "lenda negra"», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 187-208 na p. 192.
[71] *Cfr. Idem,* «O génio peninsular», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 141- 170 nas pp. 150, 151; «A "lenda negra"», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 187-208 na p. 192.
[72] *Cfr.* António Sardinha, «Portugueses e Espanhóis, 1920», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 103-111 nas pp. 109, 110; *Idem,* «Portugal, Tierra Gensor!, 1922», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 113-128 na p. 124; *Idem, Idem,* «O génio peninsular», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 141- 170 na p. 160; *Idem,* «1640, 1920», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 247-289 nas pp. 258, 262, 267, 268, 275; *Idem,* «Assentando posições (conversa preliminar)», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. LXIX-CXXVI nas pp. LXXIV, LXXVI-LXXXI, CV, CVI; *Idem,* «A Unidade-Hispânica», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 1-28 na p. 24; *Idem,* «O que nos divide», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 209-235 nas pp. 216-224, 226, 228.
[73] *Cfr.* António Sardinha, «Portugal Restaurado, 1919», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 129-140 na p. 139; *Idem,* «O génio peninsular», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 141-170 nas pp. 157, 158; *Idem,* «Assentando posições (conversa preliminar)», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. LXIX-CXXVI nas pp. LXXX, LXXXI, CXXIV; *Idem,* «O selo da raça», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 29-48 na p. 38.
[74] *Idem,* «1640, 1920», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 247-289 na p. 277.
[75] *Ibidem,* pp. 279, 280.
[76] António Sardinha, «Madre-Hispânia», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 179-245 nas pp. 181, 183, 186, 187.
[77] *Cfr.* António Sardinha, «Madre-Hispânia», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 179-245 na p. 195; *Idem,* «Assentando posições (conversa preliminar)», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. LXIX-CXXVI nas pp. CXIV, CXXIII; *Idem,* «Errata necessária», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 167-185 nas pp. 171, 172.
[78] *Cfr.* António Sardinha, «Madre-Hispânia», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 179-245 nas pp. 198, 199, 211, 232; *Idem,* «Assentando posições (conversa preliminar)», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. LXIX-CXXVI nas pp. LXXV, LXXVI, XCVI.
[79] António Sardinha, «Madre-Hispânia», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 179-245 na p. 233.
[80] *Cfr.* António Sardinha, «Madre-Hispânia», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 179-245 nas pp. 210, 221; *Idem,* «Assentando posições (conversa preliminar)», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e Possibilidades, cit.,* pp. LXIX-CXXVI na p. CIV; *Idem,* «Cabeça de Europa», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 237-267 na p. 254; *Idem,* «Estaremos decadentes?», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp. 269-295 nas pp. 277, 278; *Idem,* «*Mare nostrum*», *in A Aliança Peninsular - Antecedentes e possibilidades, cit.,* pp.

321-352 na p. 350.
[81] António Sardinha, «1640, 1920», *in À Lareira de Castela - Estudos Peninsulares, cit.,* pp. 247-289 na p. 282.